

























bitar – [uma identidade] –, na ilusão de, assim, poder se definir (identificar-se a si próprio), se encontrar com o outro (identificar-se no outro), ao mesmo tempo semelhante e diferente” (ver *idem*). Esta exótica mulher sábia hoje constitui um “fantasma” que se alimenta por escritas etnográficas: uma entidade interpretada, traduzida e, portanto, constantemente reinventada (uma ficção que se reescreve) – a tradução sob o dizer de Derrida ([1987a] 2002:32 *in ibidem*) –, que acabou por organizar, de maneira passiva, o principal atrativo turístico contemporâneo de seu município. Uma entidade que ao permitir que o outro se diga (que se confesse), provavelmente se apodera por conquistar a governabilidade deste outro (poder este, aliás, explorado por Foucault, 1976 *in op.cit.*:20, em “História da Sexualidade I”).

Quando penso em uma alegoria, penso no sentido de Frye (ver 1991:92-93), como uma técnica de contraponto que, ao mostrar-se contínua, ordena a direção do comentário e a sua liberdade: o alegórico passa a ser “a atribuição de ideias à estrutura das imagens poéticas”. Penso em María Sabina como uma personalidade que foi se fazendo exótica. Seu(s) semblante(s) resulta(m) de “contato e compreensão”, sendo uma “alegoria etnográfica” como propõe Clifford (1986), o(s) qual(is) se constituiria(m) de vários tempos em si. A imagem resultante se multiplicaria em vozes mediante uma reflexão discursiva que não se reprime a um recorte espacial no tempo – perfazendo uma alocronia –, permitindo um diálogo com a Huautla que pude conhecer, e assim, constituindo-me (igualmente) exótica.

Assim declaro poético, além de etnográfico, este artigo, por se manifestar como mensagem em si, sendo um resultado de “contato e compreensão” entre campos epistemológicos distintos: geográficos, dialogando América do Sul e Mesoamérica; acadêmicos, dialogando Antropologia, Linguística e Psicanálise; a fala que cura em (e por) cantos, dialogando-se com o delirante estado psicotomimético da ingestão de enteógenos; María Sabina afamada por atitudes infames com uma Huautla infame por uma etno-celebridade afamada.

#### **DO “SABER”, DO “SABER-FAZER” E DO “SER”, DE SABINA, UMA BREVE CONCLUSÃO**

Sabina escrevia com sons, em um suporte transposto diferente, aparentemente efêmero. Aparentemente, porque seus cantos parecem ser fluxos e re-fluxos de um conjunto do que opto chamar de “artefatos mnemônicos”: eles estão escritos no Livro da Sabedoria que ela conhece e, como ela mesma diz, ela é a que lê, é a intérprete, e este é seu privilégio (ver

Estrada, 1977:79). Ao mesmo tempo seu canto ecoa no espaço e faz ab-reagir o enfermo. Sabina, assim, é uma mulher que manipula um “saber-fazer”, uma epistemologia poética (no sentido etimológico destes termos: ποιέiv, *poiêin*, do grego clássico, “fazer”). É possível relacionar estas questões com o que Derrida (1974 *in* Clifford, 1986: 117) aporta: todos os grupos humanos escrevem ou inscrevem o mundo em atos rituais, textualizando significados de modo repetitivo. É dizer, eles se articulam, classificam-se, possuem uma literatura, que não necessariamente está escrita em papel, placa ou parede. Uma literatura feita em som. E, conforme enfatiza Coracini ([2007] 2013: 54-55), esta escritura será sempre feita de “esquecimentos que permitem as lembranças – interpretações transformadas –, exercícios de inscrição do sujeito com seu traço num movimento de ausência-presença.”

Nossa etno-celebridade haveria se tornado infame diante das autoridades que consideravam suas afamadas práticas com cogumelos “nocivas” ao bem-estar civilizado. Mas é que a moral vicia, como diriam Tiburi e Dias (2013). O vício, segundo estas autoras, “é repetibilidade, mas não há repetibilidade sem hábito, costume ou uso em contextos culturais específicos. Eis que moral vem de ‘mores’, que significa conjunto de costumes ou hábitos. É na própria moral, em sua própria etimologia, que a oportunidade do vício está declarada no círculo vicioso da moral do vício ou do vício da moral” (op.cit.: 2013:41). As autoras propõem chamar esta sociedade de “fissurada” pelo fato de que se trata de uma “sociedade cuja dominação biopolítica é primeiramente estética”. No mesmo tom, Escobar e Rodrigues (2014), da Universidade Federal de Pernambuco, comparam os efeitos psíquicos e cognitivos do vício pela droga com os efeitos dopaminérgicos decorrentes da paixão afetiva. Ambos decorrem em um apego que se traduz em tradições estéticas, um efeito daquilo que Freud haveria chamado de “desamparo” (*in* Escobar & Rodrigues, 2014:06): a situação em que o onipotente ego ideal do indivíduo é posto em questão pelo primeiro princípio de realidade (a lei, a castração).

O que me parece interessante em toda esta história, é que pensar a vida de Sabina, e suas possíveis traduções permite pensar questões humanas muito oportunas a uma sociedade cheia de fissuras (não só químicas). Se os cogumelos psilocíbios curam ou não, a ciência dos psiquiatras e psicólogos cognitivos ainda procura responder; mas, por exemplo, o psiquiatra Charles Grob, nos EUA, vem usando desde 2010 a psilocibina no tratamento da ansiedade em pacientes com câncer terminal. Se a música é capaz de curar, a ciência dos

musicólogos e neurocientistas também procura responder; mas é visível a busca crescente em nosso universo ocidental por medicinas e práticas alternativas que incluem a musicoterapia. E estes fenômenos, aliás, de fato questionam toda a racionalidade implícita aos discursos científicos, já que outras formas de escrever, sob outros estados de consciência que, inclusive, mimetizam a loucura, são capazes de fazer ab-reagir os enfermos.

Em Sangit Ratnakar, texto hindustani do século XIII, diz-se que “as letras são formadas pelos sons, as sílabas pelas letras, as palavras pelas sílabas e nossa vida diária pelas palavras. Portanto, nosso mundo depende do som”. E ao parecer, depende também deste(s) som(ns) que leva(m) ao desapareço a determinados afetos patogênicos. Terence McKenna, um escritor psiconauta famoso, haveria falado de um *homúnculo sintático* que aparece em viagens de DMT e psilocibina, sempre emitindo palavras muito sábias; posso compartilhar as palavras que recebi de um homúnculo durante minha primeira experiência psiconáutica com DMT, no México, em agosto de 2013: “Mas, o mundo é tradução: este é o sentido de existir. Existimos para significar os fenômenos outros. É a fenomenologia dos egos, com suas gramáticas simbólicas”. Por fim, e diante de tantas fissuras humanas, sugiro que sigamos o exemplo de Sabina e... Cantemos!

*Sincera gratidão à família de María Sabina  
E a todos aqueles que puderam me acompanhar nesta viagem  
(Por dentro e por fora)*

---

## OBRAS CITADAS

- BARTOLOMÉ, Miguel A. & BARABAS, Alicia M. org. *Los sueños y los días: chamanismo y nahualismo en el México actual*. Vol. 2, “Pueblos mayas”. México: Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2013.
- BAUMGARTEN, Alexander G. *Reflexiones filosóficas acerca de la poesía*. Ed. Aguilar. Trad. José Antonio Miguez, [1735] 1975.
- CARRERA-GUZMÁN, Celso. *Acercamiento gramatical a la lengua mazateca de Mazatlán Villa de Flores, Oaxaca*. México: INALI, 2011.
- CLIFFORD, James. *On Ethnographic Allegory*. In Clifford, James & Marcus, George E. orgs., *Writing culture: the poetics and politics of ethnography*. University of California Press, 1986.
- CORACINI, Maria José. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade; línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. Campinas – SP. Mercado de Letras, 2ª Ed, [2007] 2013.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza y peligro: un análisis de los conceptos de contaminación y tabú*. Trad. De Edison Simons. Siglo XXI de España Editores, S.A. España, [1966] 1973.
- ESCOBAR, José A. C. *Observação e exploração visual e do tempo em indivíduos sob o estado ampliado de consciência após o consumo de cogumelos “mágicos” (Psilocybe cubensis)*.

- Universidade Federal de Pernambuco. Dissertação (Mestrado em Psicologia Cognitiva), UFPE, Recife, 2008.
- ESCOBAR, José A. C. & RODRIGUES, Nathalie C. dos Santos. *Drogas: como uma paixão que devora*. Revista Humanae: Questões controversas do mundo contemporâneo. N. XX, 2014.
- ESTRADA, Álvaro. *Vida de María Sabina, la sabia de los hongos*. 13ª ed. Siglo XXI. México, D.F., 1977.
- FEINBERG, Benjamin. *The devil's book of culture: history, mushrooms, and caves in Southern Mexico*. University of Texas Press, Austin. EUA, 2003.
- FOCHESATTO, Waleska Pessato Farenzena. *A cura pela fala*. Estudos de Psicanálise, nº 36, pp. 165-172. Belo Horizonte – MG, 2011.
- FRYE, Northop. *Anatomia da crítica*. Trad. de Péricles Eugênio da Silva Ramos. Ed. Cultrix. São Paulo, [1957] 1991.
- ILLANA, C. *Robert Gordon Wasson: Un pionero de la Etnomicología*. Boletín de la Sociedad Micológica de Madrid. Universidad de Alcalá. Espanha, 2007.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. FFLCH, ECA / USP. Ed. Cultrix. São Paulo, 1992.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. Cosac Naify. São Paulo, [1958] 2008.
- \_\_\_\_\_. *Os cogumelos na cultura*. In: *Antropologia Estrutural Dois*. Tempo Brasileiro, UFRJ. Trad. Maria do Carmo Pandolfo. pp. 229-243. Rio de Janeiro, [1973] 1993.
- LIN, Tao. *DMT: You cannot imagine a stranger drug or a stranger experience*. Vice, 5 de agosto de 2014. In: <http://www.vice.com/read/dmt-you-cannot-imagine-a-stranger-drug-or-a-stranger-experience-365> (acesso: 13 de novembro de 2015)
- \_\_\_\_\_. *Psilocybin, the Mushroom, and Terence McKenna*. Vice, 12 de agosto de 2014. In: <http://www.vice.com/read/psilocybin-the-mushroom-and-terence-mckenna-439> (acesso: 13 de novembro de 2015)
- MIRANDA-TRIGUEROS, Ernesto. *La etnopoética – Cantos de María Sabina, una aproximación*. Monografía (Antropología Social). UNAM, México, D.F., 2010.
- NEIBURG, Federico. *Identidad y conflicto en la sierra mazateca: el caso del Consejo de Ancianos de San José Tenango*. Colección Divulgación. Instituto Nacional de Antropología e Historia, ENAH. Ediciones Cuicuilco, 1ª.ed. México, D.F., 1988.
- SIMÉON, Rémi. *Diccionario de la lengua Náhuatl o Mexicana*. Siglo XXI, América Nuestra. México, D.F., [1885] 2002.
- SCHULTES, Richard Evans & Hoffman, Albert. *Las plantas de los dioses. Las fuerzas mágicas de las plantas alucinógenas*. FCE. México, [1979] 2000.
- TAKEYAMA-LOSCH, Nanci (2006). *Universal metaphysical symbols and their role in cross-cultural inspiration*. Forum on cross-cultural inspiration, learning how worldwide possibilities are created, pp. 13-43, 2006.
- TIBURI, Márcia & DIAS, Andréia Costa. *Sociedade Fissurada: Para pensar as drogas e a banalidade do vício*. Editora Civilização Brasileira, 1ª.ed. Rio de Janeiro, 2013.

#### REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS E ELETRÔNICOS

- “DMT: The Spirit Molecule” (2010). Longa-metragem documental. Direção de Mitch Schultz. Produção de Spectral Alchemy. 73 min. EUA. Acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=I-9koq3-AIg> (13 de novembro de 2015).
- “María Sabina, Mujer Espiritu” (1979). Longa-metragem documental. Direção: Nicolás Echeverría. Produção: Centro de Producción de Cortometraje. 80 min. Espanha e México. Acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=-8J8QQQa6BU> (13 de novembro de 2015).
- “Región Cañada, Oaxaca”, <http://regionca.webnode.mx/>, acesso 22 de junho de 2014.